



Vol. 7 nº 14 jul./dez. 2012
p. 109-125

**PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO OU
PSICANÁLISE DE ENCONTRO À
EDUCAÇÃO? CONSIDERAÇÕES
PSICANALÍTICAS SOBRE A
SEXUALIDADE, A AFETIVIDADE E O
DESEJO DE APRENDER**

PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION OR
PSYCHOANALYSIS AGAINST EDUCATION?
PSYCHOANALYTIC CONSIDERATIONS ON
SEXUALITY, AFFECTIVITY AND DESIRE TO
LEARN

Giseli Monteiro Gagliotto¹

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

Rosane Berté²

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

Eliane da Luz³

(Faculdade de Ampére - FAMPER)

Gisele Costa de Oliveira⁴

(Faculdade de Ampére - FAMPER)

RESUMO: O artigo fundamenta-se nos estudos sobre histeria, na descoberta do inconsciente e da sexualidade infantil para compreender as relações entre afetividade e aprendizagem no âmbito da teoria psicanalítica freudiana. Abrange a noção de sujeito (criança), de seu desenvolvimento e funcionamento psicológico, partindo da origem dos afetos em direção à importância do desejo, do fenômeno transferencial e da sublimação para a educação. Estabelece interlocuções entre os conceitos psicanálise, criança e aprendizagem como também entre a aprendizagem da vida familiar e a aprendizagem escolar. Aponta as contribuições da psicanálise e algumas perspectivas de intervenção pedagógica na educação da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, Sexualidade, Psicanálise, Educação, Aprendizagem

ABSTRACT: The article is based on studies of hysteria, the discovery of the unconscious and of infantile sexuality to understand the relationship between affectivity and learning in the context of Freudian psychoanalytic theory. It covers the notion of subject (child), their development and psychological functioning, starting from the origin of the affections towards the importance of desire, the phenomenon of transference and sublimation for education. Establish dialogues between psychoanalytic concepts, as well as child and learning between the learning of family life and school learning. It points out the contributions of psychoanalysis and some prospects for pedagogical intervention in child's education.

KEY WORDS: Affectivity, Sexual, Psychoanalysis, Education, Learning

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da perspectiva teórica da psicanálise freudiana e reflete o conhecimento psicanalítico aplicado à prática educacional. Aponta para a impossibilidade de um saber sobre o inconsciente articular-se com a pedagogia, tendo em vista que o objetivo desta não confere ao da psicanálise e, sim se apresentam distintos: enquanto uma trabalha na defesa do recalque, a outra luta contra o mesmo. Da mesma forma, ostenta o recurso de apresentar os ganhos que poderão advir da interlocução entre psicanálise e educação.

A TEORIA DA SEXUALIDADE INFANTIL E A DESCOBERTA DO INCONSCIENTE HUMANO

No início do século XX, mais precisamente em 1916-17, Sigmund Freud (1856-1939), em uma de suas conferências, falava aos norte-americanos sobre *a vida sexual dos seres humanos*. Apresentava à plateia suas ideias e descobertas sobre a sexualidade infantil e desbancava o conceito de que a sexualidade só apareceria na adolescência.

As crianças, desde o nascimento, apresentavam *atividades auto-eróticas* que, da sucção à masturbação, passando pelo controle das fezes como estímulo à mucosa anal faziam-se acompanhar de fantasias e constituíam assim a história amorosa desses supostos anjos (GUIRADO, 1997, p. 25).

A psicanálise, enquanto ciência, encarregada da *psiquê* humana, esforçava-se para ser reconhecida e aceita, porém eram muitos os descaminhos e entraves encontrados no seio da sociedade vienense, de onde Freud viera, e da norte-americana, onde estava exilado em virtude da I Guerra Mundial. Acostumado que estava com as contraposições, Freud era diretivo e audaz ao perguntar à sua plateia de educadores, pais e médicos: por que estariam constantemente reprimindo as crianças nas escolas e em casa na prescrição de condutas chamadas saudáveis? Freud assegurava como estudioso que era que em suas pesquisas clínicas psicanalíticas, investigando a psique adulta, identificava que a sexualidade infantil é vivida por todos nós.

A edição, em 1905, de sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* exhibe, com grande destaque, que a sexualidade nasce paralelamente a uma função vital, biológica; no entanto, é uma atividade que se prolonga para além da necessidade vital, diferenciando-a.

Nesse sentido, vamos encontrar no conceito fundante da sexualidade humana para Freud, a atividade de mamar do bebê como gênese da sexualidade. Reconhecido como reflexo, biologicamente, herdado, a sucção tem como objetivo primário saciar a

fome. Vinculado ao prazer dessa satisfação, encontra-se um prazer paralelo, ou seja, o prazer sexual. Tal prazer vincula-se à atividade de sucção e a transforma, numa atividade sexual. O prazer, em si, nasce da excitação do contato da boca do bebê (sua zona erógena por excelência) com o seio materno.

[...] o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. [...] Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas (FREUD, 2002, p. 59-60).⁶

O autor distingue e teoriza sobre as várias fases do desenvolvimento psicosssexual, fazendo cada uma delas corresponder a uma organização da sexualidade, de maneira dimensionada, ocorrendo na estruturação do próprio psiquismo. Com isso, Freud abandona as concepções biológicas e aproxima-se de uma compreensão *psíquica* para explicar a sexualidade. As fases do desenvolvimento psicosssexual nomeadas por Freud são: oral, anal, fálica, latência e genital. Há diversas formas de compreender as etapas da sexualidade da criança, porém a mais difundida é a freudiana.

Em seus trabalhos iniciais acerca do tema, Freud acreditava num determinado auto-erotismo infantil; a sucção do polegar é um importante exemplo do que falamos. Entretanto, suas pesquisas mostraram que o auto-erotismo é secundário a uma escolha de objeto. A relação com o outro, inicialmente de dependência absoluta e posteriormente relativa, é essencial no conceito freudiano de sexualização. A ideia remanescente de um prazer vinculado ao objeto que propiciou a satisfação primeira é sempre revivida e, *inconscientemente*, registrada fazendo com que a associação entre prazer e objeto seja reativada. A satisfação, ou seja, o prazer é promovido pelo desejo; satisfazer um desejo psíquico difere de satisfazer uma necessidade fisiológica como a fome.

A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento – uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado. [...] nem todas as crianças praticam esse chuchar. É de supor que chegam a fazê-lo aquelas em que a significação erógena da zona labial for constitucionalmente reforçada (FREUD, 2002, p. 60).

Nesta fase há uma transformação da necessidade em desejo, portanto, um objetivo sexual infantil, observado no bebê ou na criança pequena, "*consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi*

selecionada" (FREUD, 2002, p. 62), a boca ou a zona labial, primariamente, com a satisfação do instinto obtida pelo ato de sugar. Posteriormente, e análogo a esse prazer, outras zonas vão compondo a sexualidade infantil. O ato de sugar, próprio da primeira atividade erótica, tem de ser substituído por outras ações musculares, segundo a natureza de outra zona erógena. É o que vamos observar com o controle anal.

Os transtornos intestinais, comuns na infância, contribuirão para a excitação da zona erógena anal. Segundo o autor, as crianças encontram grande excitação em reter as fezes, o que gera intensas contrações musculares e, ao passarem pelo ânus são capazes de produzir excitação da membrana mucosa. Causam, conforme observado, tanto sensações de dor como de prazer.

Uma importante observação, feita por Freud (2002), com relação à zona erógena anal, é a de que a retenção de fezes estaria vinculada tanto ao estímulo masturbatório dessa zona bem como orientado às pessoas que cuidam dela, implicando significados que, mais tarde com Abraham (1970), passam a ser intensamente investigados. Esse autor detém-se, então, às observações pertinentes ao caráter neurótico, provenientes desse período da sexualidade infantil.

A zona erógena genital é, então, a representante da atividade sexual que iremos ter na vida adulta. Na infância, por volta dos 3 aos 5 anos, aproximadamente, a masturbação apresenta-se como importante atividade. O autor estabelece três fases da masturbação infantil, distinguindo-as em: "*A primeira é própria do período de lactância, a segunda pertence à breve florescência da atividade sexual por volta do quarto ano de vida, e somente a terceira corresponde ao onanismo da puberdade, amiúde o único a ser levado em conta*" (FREUD, 2002, p. 66). Com esta última observação conclui que a sexualidade está presente muito antes do que, até então, estaria observado e legitimado pela ciência. Ao insistir que a sexualidade infantil é própria da vida humana, demonstrando em seus trabalhos como reprimimos, enquanto sociedade, toda atividade sexual infantil, quer em casa, quer nas escolas, Freud passa a incomodar não só pais e educadores, mas toda uma comunidade científica que se encontrava até então, muito confortável e protegida por seus tabus.

A ORIGEM DOS AFETOS E A TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

Primeiramente, convém apresentar algumas postulações teóricas que Freud estabeleceu, por motivo da descoberta do inconsciente. É certo que a noção de sujeito para a psicanálise freudiana passa pela elaboração de duas teorias do aparelho psíquico. A primeira diz que o funcionamento psicológico é resultado da interação entre Inconsciente, Pré-consciente e Consciente e, para Freud o inconsciente seria a maior parte da nossa psique e depositário dos nossos desejos reprimidos, recalcados. Posteriormente, o autor elabora a segunda teoria do aparelho psíquico; este seria composto pelo Id, Ego e Superego. O Id seria a parte inconsciente do sistema, ligado ao instinto e ao princípio do prazer exercendo a função de buscar, desenfreadamente, o prazer ilimitado e inconsequente.

O Id é a instância original da psique, é a matriz dentro da qual o ego

e o superego se diferenciam. [...] Está intimamente relacionado com os processos corporais dos quais retira sua própria energia; portanto é o reservatório da energia física que põem em funcionamento os outros sistemas. Podemos dizer que é o componente biológico da personalidade (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 17).

O Ego seria uma diferenciação do Id; nasce a partir dele; é um elemento importantíssimo na estruturação do aparelho psíquico. Tem uma parte inconsciente e outra consciente. Sua função é estabelecer certo equilíbrio entre os desejos incessantes do Id e a repressão obstinada do Superego. Faz o papel de ponte, de ligação entre o Id e o Superego.

O ego é a parte do aparelho psíquico que está em contato com a realidade externa. Desenvolve-se a partir do id, à medida que o bebê torna-se cômico de sua própria identidade, para atender e aplacar as constantes exigências do id. (...) Freud descreve suas várias funções em relação com o mundo externo e com o mundo interno, cujas necessidades procura satisfazer. [...] Assim, o ego é originalmente criado pelo id na tentativa de enfrentar a necessidade de reduzir a tensão e aumentar o prazer. (FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 11).

O Superego é uma parte diferenciada do Ego. É totalmente consciente e está ligado ao princípio da realidade. Ele representa a lei e tem a função de internalizar as normas sociais da personalidade, impondo limites e bloqueando os impulsos do Id. Assim, para que haja harmonia entre estas três instâncias é necessário que o ego exerça de maneira exemplar suas funções.

[...] o superego nada mais é do que uma parte bastante diferenciada do ego, a tal ponto que podem se contrapor frontalmente. É o sensor das funções do ego e decide se algo é certo ou errado, de modo a garantir que uma pessoa aja em harmonia com os padrões sociais vigentes. [...] Dessa forma, bloqueia os impulsos do id, principalmente os de natureza sexual e agressiva, pois são os impulsos mais condenados pela sociedade quando exteriorizados (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 19).

Toda criança que nasce é um Id pulsante. Para Freud ao nascer, a criança tem uma necessidade básica de amenizar o sofrimento; portanto, de buscar prazer. E é por isso que no primeiro momento de separação do corpo da mãe, diante da necessidade imposta pela fome, ouvimos seu choro numa tentativa incessante de ter a sua necessidade satisfeita. Então, ao receber alimento, ela garante a sua existência e a manutenção da espécie. O interessante é que a criança ao ser alimentada (ao seio ou à mamadeira) paralelamente

sente um prazer enorme que mesmo ao ficar satisfeita tende a prolongar tal prazer que não se apresenta mais como uma necessidade básica e sim, como a busca de satisfação de um desejo que é sexual.

Ao nascer, a criança se encontra numa relação de plenitude com a mãe (figura que corresponde aos cuidados necessários e cria com a criança o vínculo primário). Para Freud, existe a necessidade de construção e fortalecimento deste vínculo afetivo inicial para o bom desenvolvimento psicológico da criança. Mas, o autor não tarda em advertir que essa relação de plenitude, na qual a criança é tudo para a mãe e a mãe é tudo para ela deve ter um limite. É preciso que exista um terceiro elemento, o pai que chame atenção da mãe para fora dessa situação harmônica e de completude. É preciso que a criança passe por este processo de castração, o Complexo de Édipo; isto é, que a mãe possa ajudá-la a entender que não é tudo para ela, assim como, a criança não é tudo para a mãe. A importância disso está em proporcionar à criança uma independência emocional que garanta a qualidade de suas relações sexuais e sociais futuras.

Essa Lei se inscreve no inconsciente sob a forma de proibição do incesto, proibição que barra o acesso à mãe como supremo objeto de gozo, tornando-se um bem proibido o que seria 'O Soberano Bem', e ao mesmo tempo, sanciona, ao nível do simbólico, o impossível 'reencontro' com esse objeto o qual Freud demonstra já estar perdido desde sempre, só se constituindo como perdido (MILLOT, 2001, p.122).

O afeto pode ser entendido como um estado emocional, uma gama de sentimentos humanos do mais agradável ao mais insuportável manifestando-se de forma física ou psíquica, de modo instantâneo ou protelado. O afeto é um companheiro desde o nascimento até a morte do ser humano. Com isso, Freud tenta sua primeira classificação das neuroses, levando em conta a forma pela qual o ser humano se comporta em e com relação aos seus afetos.

Para Freud, em 1895, a noção de afeto assume grande importância nos *Estudos sobre a Histeria*, quando na psicoterapia da histeria é descoberto o valor da ab-reação. Entende-se por ab-reação "a descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que ele não se torne ou não continue sendo patogênico" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 1).

É preciso entender o significado de histeria em Freud, a partir de suas pesquisas e definições sobre a doença.

Classe de neuroses que apresenta quadros clínicos muito variados. As duas formas sintomáticas mais bem identificadas são: a *histeria de conversão* em que o conflito psíquico vem simbolizar-se nos sintomas corporais mais diversos, paroxísticos (exemplo: crise emocional com teatralidade) ou mais duradouros (exemplo: anestésias, paralisias históricas, sensação de 'bola' faríngea, etc.),

e a *histeria de angustia*, em que a angustia é fixada de modo mais ou menos estável neste ou naquele lugar objeto exterior (fobias). (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 211).⁷

Na Antiguidade acreditava-se que a energia vital do útero se deslocava para outras regiões do corpo e causava ataques. Na Idade Média, era considerada como uma manifestação de bruxaria; devido a esse entendimento muitas mulheres foram queimadas vivas. E no século XIX, a psiquiatria entrou para atuar e desvendar esse enigma, concebendo que a raiz desse mal, devia estar em uma lesão orgânica, porém não descartavam ainda que pudesse ser fingimento. Na verdade, a histeria era a representação das mulheres contra sua repressão sexual desvendada pelo francês Jean Martin Charcot (1825-1893) que descobriu, através da hipnose, que tais sintomas tinham origem psíquica. Nesta época, o aluno destaque do francês Charcot foi Sigmund Freud o qual estudou, analisou e demonstrou que nessa origem estava sempre um trauma sexual – esse foi o ponto de partida para a criação da Psicanálise.

Desde o século XX, com as mudanças sociais, a histeria não é mais tão comum e seu lugar foi ocupado por novas doenças como a depressão, o principal distúrbio psicológico da atualidade.

Os estudos sobre a histeria, na trajetória investigativa de Freud, começaram a se desenvolver no início de sua atuação clínica. Seu intuito era de estudá-la, intensivamente, a fim de encontrar sua origem, que para ele poderia estar relacionada à repressão da vida sexual, principal causadora dos traumas e responsável pela expulsão das ideias insuportáveis para fora do eu, devendo ser resgatada durante o tratamento psicanalítico.

O legado psicanalítico deixado por Freud (1915) define três possibilidades de canalização do afeto que permite compreender a articulação entre a afetividade e a aprendizagem da criança. Primeira possibilidade: o afeto permanece como é ou em partes. Segunda possibilidade: o afeto é transformado qualitativamente em angústia. Terceira possibilidade: o afeto é impedido de se desenvolver. Para Freud, é nesta última possibilidade, a de suprimir o desenvolvimento do afeto que se constitui, a verdadeira finalidade do recalçamento.

Somos constituídos não apenas do corpo e seus movimentos, de inteligência e linguagem, mas, principalmente, de afetos e relações, emoções e contatos. A afetividade é a parte mais importante na constituição da psique e na estruturação da personalidade. Para a compreensão do funcionamento psicológico da criança devem-se considerar as cargas afetivas às quais está submetida e significá-las.

[...] Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorrem e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos dão ao afeto seu traço predominante. (FREUD, 1998, p. 461).

A visão da psicanálise sobre a afetividade do indivíduo, defende que esta é constituída paralelamente ao “EU”. Não nascemos com o nosso “EU” pronto e sim, a constituição se dá a partir das inter-relações familiares e sociais. Na relação com o outro é que vão sendo elaboradas as relações de afeto. O “EU” precisa primeiramente do reconhecimento e do amor dos pais, para depois despertar o prazer e aí então o desejo de pensar. Confirma-se o que Freud (1973) nos diz sobre o fato de o prazer, o amor e o reconhecimento serem elementos que formam a base para a construção e identificação do “EU”. Uma criança que, ao ser concebida, por seus pais, imediatamente já é amada por ambos, positivamente, sentirá prazer em si própria e receberá o afeto. Este “EU” está sendo constituído e busca compreender o significado do que existe e do que ele vivencia, logo o “EU” deseja então “SABER”. Os pais que investem em seus filhos afetivamente desde o princípio da gestação e mais ainda ao nascer, estão formando uma ponte de ligação entre o psiquismo da criança e o psiquismo do meio que ela está inserida. Desta forma proporcionam-lhe a busca prazerosa de ouvir e pensar. Portanto, são as primeiras e tão importantes percepções (auditivas, visuais e táteis), no início da vida, que conduzirão o sujeito ao afeto, início do desenvolvimento altamente discriminatório e refinado que ao longo da tenra infância e pelo resto da vida, serão mediadores do apego.

A DIMENSÃO EMOCIONAL DA APRENDIZAGEM: O FENÔMENO DA TRANSFERÊNCIA

A família é o primeiro lugar onde a criança deve encontrar o sentimento de afeto; deve ser o lugar de maior intensidade nas relações afetivas, com seu cuidador, seja o pai ou a mãe; a escolha da figura de apego dependerá da organização e composição da família na qual a criança está inserida. Tradicionalmente, a mãe é a figura de apego, porém, atualmente essa figura pode ser substituída pela pessoa que atenda aos cuidados necessários à criança. Convém não esquecer que o apego só se desenvolve quando existem verdadeiro reconhecimento e reciprocidade na busca das relações afetivas e isso é fundamental para os professores. A possibilidade de reviver o amor e o reconhecimento na instituição educativa, como substituto àqueles recebidos do seio familiar mostra-se como determinante para a emergência do desejo de aprender. Nesta perspectiva é que deve estar baseado o relacionamento da criança com o professor. Essa relação tem por base a receptividade do professor levando em conta as singularidades e individualidades dos seus alunos. Então, um professor que não respeita a criança na sua individualidade e no seu ser único, que não acredita na sua capacidade de conhecimento poderá inibi-la do prazer de pensar e do desejo de aprender. A relação será recíproca; não recebendo investimento, a criança não demonstrará prazer. Automaticamente e inconscientemente, o professor se torna para a criança uma fonte de prazer ou sofrimento; o resultado será visível e a criança dará a resposta frente a sua tarefa de ensiná-la. Pois, é justamente o desejo de ensinar que vai garantir uma relação saudável entre professor-aluno.

Freud foi um mestre que construiu e manteve uma relação dotada de cumplicidade

e de uma intensidade tal, ao ponto dessa relação aguçar sua curiosidade, levando-o a estudar com afincos a origem da força existente nessa relação, a qual chamou de transferência. Com base nos estudos de Freud, sobre a sexualidade infantil, é possível perceber a existência de um grande entrave entre a sexualidade e a educação. Pois, é a moral que define as práticas sociais educacionais; portanto, a sexualidade infantil é imoral. Como a educação é a causadora do recalque no ser que está em pleno desenvolvimento, é correto inferir que o indivíduo está submetido a uma educação moral neurótica. O que Freud propõe é que a educação deva acontecer de maneira prazerosa, usando as energias para canalizar o prazer ao aprender produtivo. Isso não significa dizer que a correção educativa é desnecessária, porém em excesso e em rigor ocasiona o recalque que sem dúvida gerará neuroses.

A descoberta da existência da sexualidade infantil veio pra contribuir com a educação, não para ser a sua redentora. É preciso entender que a sexualidade para Freud apresenta-se mais ampla e deve ser levada em consideração desde a mais tenra idade, pelos próprios pais e, posteriormente, pelos professores como experiências que definirão a sexualidade humana como um todo.

Segundo Kupfer (2001), Freud descobre que, no decorrer da constituição sexual dos seres humanos, estão presentes práticas de natureza perversa, que sucumbirão mais tarde à repressão e terão que se submeter ao domínio das práticas genitais com vistas à procriação. Os seres humanos são governados por aspectos perversos, que o autor chama de pulsões presentes na sexualidade infantil. Estas, porém são chamadas de pulsões parciais: a pulsão oral, o prazer da sucção; a pulsão anal, relacionada ao prazer da defecação; e a pulsão escópica relacionada ao olhar.

De acordo com a teoria freudiana, a primeira experiência de satisfação é o modelo para o desejo. A relação de transferência, não ocorre somente entre professor-aluno. Vai além, pode-se dizer que se trata de um fenômeno que está no meio de qualquer relação humana, porém, na análise, ela assume uma característica mais singular.

A ideia remanescente de um prazer vinculado ao objeto que propiciou a satisfação primeira é sempre revivida e, *inconscientemente* registrado, fazendo com que a associação entre prazer e objeto seja reativada. A satisfação, ou seja, o prazer é promovido pelo desejo; satisfazer um desejo psíquico difere de satisfazer uma necessidade fisiológica como a fome. (GAGLIOTTO, 2009, p. 148) ⁸

Segundo Kupfer (2001), encontra-se presente na relação professor-aluno um processo emocional, chamado de transferência, conceituado por Freud como um fenômeno presente em toda situação em que duas pessoas se relacionam frente a frente. Sabe-se que esta relação deriva também das relações afetivo-sexuais anteriores e inconscientes da criança podendo ser positivas ou negativas. Essa transferência influenciará na relação professor-aluno, o que permite entender por que o aluno acredita, ama, aprende e caminha prazerosamente junto, ou não, com o professor na busca pelo conhecimento. Portanto, a

transferência é considerada como um forte instrumento que auxilia a relação no processo de ensino aprendizagem; eis aí então, a contribuição da psicanálise à Educação. O professor não tem condições de controlar o efeito que produz sobre seus alunos, mesmo ele organizando e transmitindo seu conhecimento, isto não é possível.

A psicanálise, portanto, veio ampliar-nos horizontes sobre o aluno, apontando caminhos para se compreender certas dificuldades, à medida que se dá o processo do desenvolvimento da personalidade. É preciso ter claro que o aluno é um ser subjetivo, cheio de desejos e manifestações, muitas vezes inaceitáveis pelo meio, porém cheios de significados, se este estiver sendo aceito incondicionalmente.

O que a psicanálise lança para o professor, é que este seja um avaliador constante de suas atitudes, práticas e metodologias presentes no cotidiano da sala de aula. E muito mais, tenha uma concepção formada sobre o conceito de aprendizagem e acerca de como se dá esse processo. Um dos fatores que contribui no processo ensino-aprendizagem é o encontro do desejo de ensinar do professor com o desejo de aprender do aluno. Esse encontro representa o que se chama em Psicanálise de transferência. Então, baseado no conceito que Freud aponta sobre transferência, podemos dizer que o professor deve conhecer a si mesmo, ser livre de ideias pré-concebidas sobre o aluno para que ocorra uma relação genuína, fundamentada na afetividade, promovendo mutuamente confiança e sinceridade.

A relação de transferência entre professor e aluno necessita, ainda, ser norteada por uma prática pedagógica fundada no respeito, na autoridade humana e no estabelecimento de limites. Uma relação que promova o desenvolvimento e fortalecimento do "EU" no aluno, juntamente a auto-estima, a confiança, o respeito a si e ao outro.

O que se pode observar é que muitas vezes a ausência de aprendizagem é consequência da falta de investimento do "EU" na própria atividade de pensar, porque muitas vezes a criança não é reconhecida e estimulada como deveria. A criança só desenvolverá o "EU" e mobilizará o seu desejo de aprender, se isso também acontecer do adulto para com ela. Portanto, se primeiramente os pais e, posteriormente, os professores investirem na criança com amor, valor e reconhecimento, ela fortalecerá o seu "EU". A visão da psicanálise adverte que a constituição do "EU" se dá de forma inconsciente, dependendo do crescimento e da evolução das suas funções cognitivas. O que se sabe é que a afetividade e o desejo pouco têm sido abordados na vinculação com o processo de aprendizagem; é durante a transferência que se dá a transmissão e a apropriação do conhecimento, relação sujeito a sujeito.

O ensino, de acordo com o senso comum é admitido e conceituado pela sociedade contemporânea, como uma mera transmissão de conhecimento. O conhecimento refere-se à produção cultural humana acumulada historicamente, muitas vezes definida como a organização de códigos ou regras geradoras de significados. Representa todos os tipos de conteúdos concretos transmitidos na relação ensino-aprendizagem. Para que a criança se aproprie do conhecimento é necessário que utilize sua estrutura cognitiva em conjunto com afetos e desejos.

A transferência é o momento em que a criança se relaciona com seu professor da mesma maneira que se relaciona com seus pais. Entretanto, nas relações afetivas ocorrem

variações emocionais, na medida em que ambos transferem um para o outro seus desejos, suas frustrações e suas expectativas. Neste impasse relacional é que o professor pode se tornar para a criança, inconscientemente, uma figura depositária de seus afetos (amor ou ódio) ocupando assim um lugar especialmente importante de poder sobre o aluno para ensiná-lo. Esta mediação é primordial no ato de ensinar-aprender. Nela estão presentes processos conscientes e inconscientes de ambas as partes; portanto, ensino-aprendizagem não ocorre sem que aconteça uma atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo.

Se o professor tiver conhecimento sobre a psicanálise, trabalhará com sucesso os seus sentimentos e os sentimentos dos seus alunos, e não assumirá um papel autoritário, mas permitirá que seu aluno pense por si, se tornando um ser crítico e independente. O professor precisa ser um mentor do seu saber e não detentor e impostor, mas saber renunciar ao poder, e deixar que o aluno mostre o poder que está em si mesmo de aprender através dos seus desejos.

Ao professor cabe, além de ampliar o seu olhar sobre o aluno, também intencionalmente interagir, guiar, organizar, articular e tornar acessível e lógico o conhecimento transmitido; esse aluno corresponderá às expectativas do professor.

A aprendizagem significativa ocorre quando o professor e o aluno se dispõem a se entregar e a se envolver no prazer em aprender, norteados pelo afeto, pela liberdade e pelo respeito mútuo. Consolidando uma lição de amor, que aconteceu entre duas pessoas através de desejos inconscientes, porém, em uma relação recíproca. A dimensão, presente na relação ensinar-aprender, é a da afetividade. Após o processo de recalçamento, *“as ideias inconscientes continuam a existir como estruturas reais no sistema inconsciente, ao passo que tudo o que naquele sistema corresponde aos afetos inconscientes é um início potencial impedido de se desenvolver”* (FREUD, 1974, p. 204).

Durante décadas, estudiosos da psicanálise entenderam a transferência apenas como um modo de funcionamento emocional do indivíduo. Lacan (1998) percebeu nesta relação algo maior, que ultrapassava a afetividade, entendida como transferência positiva, norteadas de sentimentos afetuosos e amigáveis e a transferência negativa norteadas de sentimentos hostis. Esta concepção foi aplicada nas escolas, mais diretamente na relação professor-aluno para designar as relações que acontecem no contexto familiar e que, inconscientemente, os alunos levam para a escola.

Lacan entende que a transferência proporciona a atualização dos conteúdos do inconsciente, seja aquilo que cada indivíduo acredita ser a sua verdade. Ninguém chega à escola como uma folha em branco; todos já estão carregados de histórias provenientes das relações de transferências ocorridas no contexto familiar.

Saindo do circuito transferencial, o pensamento e a afetividade do aluno podem ser trabalhados, percebendo melhor o que faz e elaborando assim um saber a respeito do processo que está no momento acontecendo. É função do professor, não ser repetitivo e buscar fazer algo dentro de um contexto maior e mais elaborado. Fazer do aluno o ser capaz de chegar a um saber sobre suas ações, efeitos e causas bem como as consequências ocasionais em si mesmo e nos outros.

Para Lacan, a criança vai além das reproduções das emoções que o adulto apresenta

como modelo para ela; toma para si e se coloca no lugar do adulto; vive, sente e enxerga o mundo ao seu redor como os adultos. Inicia aí a construção de sua teoria, partindo de conceitos mais precisos sobre o “EU E OUTRO”.

A história do sujeito desenvolve-se numa série mais ou menos típica de identificações ideais que representam os mais puros dentre os fenômenos psíquicos por eles revelarem a função de imago. E não concebemos o Eu senão como um sistema central dessas formações, sistema que é preciso compreender, à semelhança delas, na estrutura imaginária e em seu valor libidinal. (LACAN, 1998, p. 179)

Lacan entende que se faz necessário estruturar um novo conceito de transferência, o qual lhe dê possibilidade de confrontar com os conceitos já apresentados pela filosofia, medicina e psicologia. Sendo assim, Lacan afirma que “*há um sentido prévio, transferencial, que se antecipa ao sujeito*” (MRECH 2003, p. 69). Para Lacan a gênese do indivíduo não representa um período específico do desenvolvimento humano; e sim, se refere à maneira como este ser foi constituído através da linguagem e da família, através das relações familiares. O mesmo autor defende que quando a criança estabelece o primeiro contato com a instituição escolar, esta não tem um pensamento formado, porém, traz do seu ambiente originário, a família, um saber inicial que lhe foi concedido (MRECH, 2003).

A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA: RELAÇÕES ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

O início da estruturação psicológica de toda criança se dá nos primeiros anos de vida, no seio familiar e tem sua continuidade na instituição escolar. Desde o seu nascimento, a criança recebe da família as primeiras influências com relação à imagem dos outros. Nasce os valores, os desejos, os prazeres, os sentimentos e situações diversas, definidas como as primeiras aprendizagens adquiridas que devem ser consideradas no contexto escolar.

A aprendizagem escolar tem início a partir daquilo que a criança aprende na vida. Seu relacionamento e sua afinidade com o professor e com os colegas refletem na aprendizagem dos conteúdos escolares. O professor precisa conhecer e entender qual é a imagem de adulto que a criança internalizou no âmbito da família e identificar se esta imagem está ajudando ou dificultando os novos relacionamentos no ambiente escolar.

Nascemos com uma psique bastante primitiva, que do ponto de vista da psicanálise é denominada Id. O Id é totalmente inconsciente, corresponde aos nossos instintos e nos dá os primeiros impulsos em busca da sobrevivência (instinto de alimentação, de preservação da vida). A partir do Id se estruturam o Ego e o Superego, instâncias da psique já mais avançadas.

A função materna é o elemento formador do Ego que favorece a capacidade de interpretação da realidade. Já, o Superego (pai) é a capacidade de compreender as limitações, condutas na relação com a realidade. Essas duas instâncias são construídas ao

longo da infância na tríade relacional criança-mãe-pai e aperfeiçoadas quando a criança passa a frequentar o contexto escolar. Portanto, quando a criança encontra segurança emocional em seu ambiente familiar, conseqüentemente, consegue desenvolver a afetividade, a capacidade de amar, de sentir gratidão e aprender que precisa fazer coisas que agradem aqueles a quem ama. Isto é, além de existir, ela precisa corresponder às expectativas da família e é com este objetivo de agradá-la que a criança constroi o desejo de aprender na intenção de que o outro o ame cada vez mais.

A tarefa escolar pode ser usada como um exemplo. A criança faz a tarefa não porque entendeu que esta é importante para o seu conhecimento, mas na intenção de deixar feliz o outro. Mas quando a criança faz a tarefa com este objetivo e não recebe do outro uma resposta positiva, uma gratificação ou um reconhecimento, fazer a tarefa começa a perder o sentido para a criança. Muitos pais e professores enfatizam mais o erro do que aquilo que a criança consegue fazer na intenção de agradar. Esta atitude inadequada diminui o interesse em realizar a tarefa. Somente muito mais à frente é que a criança vai entender o outro sentido da realização da tarefa, como fator de ajuda, na sua capacitação intelectual que tem influência direta no seu desempenho escolar.

Quando a criança consegue ir bem aos estudos, recebe gratificações tanto dos pais quanto dos professores, mas se tem condições necessárias para ir bem aos estudos e mesmo assim, não consegue; é preciso conhecer quais são as razões que estão causando seu fracasso, que para a criança são mais fortes do que a recompensa pelo bom andamento nos estudos. Os pais devem entender porque naquele momento, para a criança, o fracasso escolar parece ser mais importante do que o sucesso.

Se os pais tentassem ver as coisas por um prisma que tornasse a escolha do filho compreensível, entenderiam seu raciocínio e o considerariam lógico; e, o que é mais importante, o conflito entre eles se resolveria, eles saberiam como modificar a escolha da criança, de modo a transformá-la em outra, mas de acordo com a deles. (BETTELHEIM, 1988, p. 65).

Os objetivos dos filhos muitas vezes são iguais aos dos pais, isto justifica porque os filhos são tão ligados aos pais que não conseguem reagir de forma intuitiva, pois eles reagem muito mais pelo inconsciente do pai do que pelo seu; muitas vezes pais e filhos parecem entrar em um grande desacordo, mas na verdade tentam chegar ao mesmo objetivo, só que por caminhos muito diferentes uns dos outros.

A criança não consegue enxergar além do momento presente e nem tem ideia de que pode haver outros meios de solucionar o problema que tem em mente, assim; é de responsabilidade dos pais buscar meios para a solução sendo justos ao seu ponto de vista sem negar o ponto de vista do filho.

Muitas vezes, a falta de compreensão e a repressão excessiva com as crianças, produzem o mau desempenho escolar. A seguir, buscar-se-á apresentar aspectos importantes do conhecimento psicanalítico aplicado à Educação.

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO OU PSICANÁLISE DE ENCONTRO À EDUCAÇÃO?

A psicanálise e a educação são dois campos diferentes começando pelos seus objetos de interesse. Os objetos da psicanálise são o inconsciente e o funcionamento do aparelho psíquico. Já, o da educação é o conhecimento. Por estas diferenças de objetos que a educação e a psicanálise não “casam”, pois enquanto uma se preocupa em atender o desejo reprimido, a outra produz a repressão pensando, unicamente, em preparar o indivíduo de acordo com as regras sociais.

A educação é o fator principal de neuroses porque não consegue sempre levar em consideração os desejos dos alunos; antes disto, precisa educar de uma maneira socialmente aceita. A educação tem por função dominar os instintos da criança, inibindo sua liberdade total. Diante disso, o professor se depara com um grande problema: a exigência de que ele conheça a individualidade psíquica de cada criança, através de pequenos gestos como amor, atenção e que, além disso, exerça a sua autoridade ao mesmo tempo.

A contribuição da psicanálise à educação, portanto, consistiria essencialmente na descoberta da nocividade desta, ao mesmo tempo, que da sua necessidade. Não há aplicação possível da psicanálise à pedagogia; não há pedagogia analítica no sentido de que o pedagogo alinharia sua posição subjetiva com a do analista, e adotaria “uma atitude analítica” para com o educando. Tudo o que o pedagogo pode aprender da e pela análise é saber pôr limites à sua ação – um saber que não corresponde a nenhuma ciência, e sim à arte (MILLOT, 2001, p. 154).

Para a psicanálise, a educação deve procurar ser mais benéfica e menos traumática. Deve reprimir somente o necessário para a criança se defender, abrir mais espaço de escuta ao seu desejo e, assim estabelecer uma relação de transferência. Permitir que a criança siga livremente o seu desejo de aprender, independente do desejo do seu professor ou do de quem esteja envolvida. Assim, o aprendizado será internalizado e reconhecido como uma parte de si.

O desejo de aprender não é uma autonomia da criança, ou ele aparece por si mesmo ou não, mas quando o desejo surge é preciso permitir a autonomia à criança para que ela busque satisfazer o desejo imanente.

Aqui está um conceito de sublimação esclarecedor para os nossos propósitos de compreender a relação entre psicanálise e educação

[...] Introduzido por Freud, esse termo designa o mecanismo de defesa pelo qual certos impulsos inconscientes são desviados de seus objetos primitivos para fins socialmente úteis e integram-se à personalidade. A sublimação tem um papel importante na adaptação do indivíduo ao seu meio, permitindo seu ajustamento

social sem, contudo, inibir seu desenvolvimento pessoal. Na sublimação é possível canalizar pulsões destrutivas para fins socialmente úteis. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 27)

Existem várias formas de lidar com os desejos sexuais da criança no contexto escolar e com toda a sua curiosidade sexual. Se o professor estiver munido de um conhecimento teórico psicanalítico, saberá que muitos destes desejos e toda curiosidade, originariamente sexuais poderão ser sublimados; isto é, ter sua energia sexual (libido) canalizada na direção da produção de objetos não sexuais, mas que também trarão uma satisfação para a criança. Estes objetos produzidos, a partir dessa energia sexual, trazem um prazer enorme à criança na medida em que são valorizados culturalmente em função da sua utilidade social.

Diante da sua curiosidade e interesse referentes à sexualidade, a criança busca ajuda do adulto fazendo perguntas que, na maioria das vezes, ficam sem respostas ou são respondidas de forma censurada. A censura do adulto representa um abandono da criança à própria sorte na busca pelo esclarecimento sobre as teorias sexuais, causando uma paralisação no aspecto intelectual da mesma, que passa a entender que deve parar de questionar porque os adultos não gostam de responder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda relação que se estabelece com uma criança depende do vínculo primário construído na família; pois através da investigação das relações anteriores é que se torna possível compreender o seu padrão de relacionamento social. Para a psicanálise, o que pode facilitar a aprendizagem é a relação vincular necessária entre professor e aluno, a qual se chama transferência. Através dela pode emergir o desejo em aprender, tornando o ensino algo prazeroso. A relação de transferência só ocorre na verdade e na confiança entre o aluno e o professor. Afinal, o aluno acredita que o professor realmente tem o controle para transmitir-lhe conhecimento, sendo este um grande aliado para a aprendizagem e auxiliar no aperfeiçoamento do trabalho do professor. Ocorrendo a transferência entre o professor e o aluno, àquele pode transmitir a este, o amor que tem pelo seu trabalho, sensibilizando-o ao desejo de aprender. Muitas vezes este desejo é desencadeado pelo desejo de agradar ao professor. Ou seja; não é o desejo verdadeiro do aluno. A relação de transferência pode ocorrer entre pais e filhos, pois o desejo que os pais têm de que o filho aprenda, faz com que ele carregue um desejo dos pais e não o seu. Esta constatação aponta para a impossibilidade de a psicanálise casar-se com a educação. A psicanálise trabalha a favor do desejo do indivíduo, enquanto a educação tem por tarefa inibi-lo. A educação poderá contribuir para sublimar os desejos da criança para objetivos socialmente aceitáveis. O professor será capaz de intervir com atividades que tornem possível canalizar os desejos sexuais da criança para a criação da arte e da cultura, fruto da realização de tarefas e trabalhos que, ao serem valorizados, tragam prazer e satisfação. É preciso buscar um equilíbrio de não adotar atitudes repressoras ao extremo, de não recalcar os desejos da criança e sim, favorecer o encontro dela com o

objeto de satisfação de seu desejo. Esta parece ser uma tarefa de enorme complexidade para a educação porque envolve desejos inconscientes tanto do professor como do aluno.

Quando a criança tem a liberdade de buscar o conhecimento que satisfaça o seu desejo, consegue, com mais facilidade, internalizá-lo e quando isso não é permitido, precisa se sujeitar à vontade do professor ou dos pais, desviando-se do seu próprio desejo. Essa tem sido a principal tarefa da educação. A proposta da psicanálise é que o professor busque com o aluno levar ao bom termo o prazer individual e as necessidades sociais.

NOTAS

¹ E-mail: giseligagliotto@ig.com.br

² E-mail: rosaneberte@gmail.com

³ E-mail: raie_2@hotmail.com

⁴ E-mail: oli_gisele@hotmail.com

⁵ Grifos da autora.

⁶ Grifo do autor.

⁷ Grifos dos autores

⁸ Grifo da autora

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Karl. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vols. XV e XVI, Rio de Janeiro: Imago, (1916-1917 [1915-1917]).

_____. Observações sobre o amor transferencial (1915 [1914]). In: **Obras psicológicas completas. Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. 2009. 257 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação –

UNICAMP, Campinas, 2009.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 2001.

LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MILLOT, Catherine. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e educação: novos operadores de leitura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

SHIRAHIGE, Elena Estuko; HIGA, Marília Matsuko. A contribuição da psicanálise à educação. In: CARRARA, Kester. (Org.). **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Avercamp, 2004.

Recebido em 30/06/2011
Aprovado para publicação em 09/05/2012